

CULTURA, IDENTIDADES E FRONTEIRA: uma abordagem do pensamento de MANOEL BOMFIM*

André Luiz de Souza Filgueira**

RESUMO: Este artigo tenciona examinar – a partir da obra *A América Latina: males de origem*, do pensador brasileiro Manoel Bomfim – as idéias de cultura, de identidades e de fronteira. A proposta de abordagem deste tema é levantada para que seja instigado o debate em torno da mestiçagem, tese capital que sustenta o projeto identitário de Bomfim na obra supracitada. Pois, o vislumbre do potencial identitário deste elemento, o mestiço, é necessário para que seja potencializada a cultura brasileira. Haja vista que essa discussão busca o reconhecimento do passado colonial ibérico, para que seja refletido o lugar do mestiço dentro da cultura e das identidades brasileiras. Desse modo, o que se quer é compreender como a articulação deste elemento, tão caro ao pensador brasileiro, o mestiço, pode contribuir para o levantamento de uma identidade brasileira que leve a cabo à concatenação de uma cultura nacional e que, por fim, tenha como ponto de partida a fronteira onde essa trama foi urdida, a América Latina.

Palavras-chave: (passado, mestiço e identidade)

Considerações preliminares

Manuel Bandeira, uma das mais candentes estrelas da constelação da poesia brasileira, em seu legado anunciou que iria lançar a teoria do poeta: “vou lançar a teoria do poeta sórdido. Poeta sórdido: aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.” (BANDEIRA, 2009, p. 120). Diante da lembrança desta prosa poética uma pergunta se levanta: qual a relação das palavras de Manuel Bandeira com o testemunho intelectual de Manoel Bomfim?

Para responder a este questionamento é necessário permanecer suspenso nas malhas das próprias palavras de Bandeira que, ainda na poesia sobredita, *Nova Poética*, ressalta a intenção deste poema: “Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.” (BANDEIRA, 2009, p. 120). A “sujeira” a qual o pensador Manoel Bomfim lança seu olhar arguto é o passado colonial, que encobre a tradição reflexiva sobre a América Latina. Pois, os atores envolvidos na construção da nação, que, outrora, fez brotar a imagem do mestiço, por meio do contato racial entre negros, índios e ibéricos (que aqui foram lançados, como forma de penalidade, sentenciada pelos colonos portugueses) foram ignorados na narrativa histórica oficial, não só eles, como também o contexto o qual foram inseridos, bem como suas ações e reações, e também, suas experiências

* Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.

** É aluno do mestrado em Ciências Sociais (Estudos Comparados Sobre as Américas), na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: andreejesus@ig.com.br

diante da condução dos fatos guiados pelos lusitanos, igualmente foram desprezadas. E para despertar o povo desse transe, que há mais de quatro séculos insiste em mantê-los em silêncio, que oculta suas memórias, frente à voz aterradora que brada do passado colonial ibérico, é necessário que caiamos no “desespero” o qual falou Manuel Bandeira.

A “sujeira” que Bomfim nos fala é a visão “funesta” que o europeu dispensou à América Latina, sobretudo o espanhol e o português. Nos séculos XIX e XX houve livre acesso a esta visão depreciativa sobre a América Latina. O rótulo de atraso, dado pelo europeu a este continente, foi o que fomentou a ebulição de um dos mais caros frutos do legado de Manoel Bomfim, o livro *A América Latina: Males de Origem* (1905)¹, o qual é a literatura basilar que sustenta este texto.

Manoel Bomfim ao remeter o seu leitor(a) ao emprego da palavra “funesto”, no livro supracitado, de certa forma, em minha própria interpretação, há um convite à compreensão do “desespero do leitor” que foi assinalado por Manuel Bandeira, no horizonte desta comunicação. Isto porque se é possível uma apropriação da palavra “funesto”, no contexto dos estudos de Bomfim, ela é feita com o pleno intuito de marcar a ação colonial liderada pelos portugueses e espanhóis. Pois, está na superação destas atitudes, encabeçada pelos europeus, a chave à compreensão do “passado funesto”. O acesso ao passado colonial ibérico é o ponto de desembarque deste texto, haja vista que ele cataloga todo um cardápio de ações aterradoras, que fomentaram o desdém do europeu à América Latina.

Por isso, para que seja abrangido o projeto identitário de Bomfim, erguido à luz da realidade brasileira, onde este projeto é favorecido pela participação do mestiço, é de primeira grandeza que ele seja exibido a partir da América Latina. Por conseguinte, o pensador cogita este continente por considerar o esquecimento e a invisibilidade histórica, que abortaram a resistência liderada pelo mestiço no Brasil e demais países que compõe este continente, como um fato que foi empalmado. Daí a urgência de retomar o mestiço, núcleo presente no projeto de Bomfim, para que haja uma compreensão da América Latina.²

¹ Na referência a esta obra do pensador optou-se, neste artigo, pelo ano em que ela foi publicada, 1905; e não para o ano em que ela comemorou o centenário de publicação, 2005.

² Ao longo desta comunicação procuraremos mapear a idiosincrasia do brasileiro que levou a cabo ao favorecimento da reflexão de Manoel Bomfim, que, posteriormente, aterrisou no seu projeto identitário e que serviu à América Latina. Por isso, não alongaremos nas características de resistência praticadas por outros povos da América Latina, muito embora, o autor, na obra *América Latina: males de origem* (1905), o faz com inteligibilidade.

Assim, a primeira parte do texto se debruçará no exame dos conceitos de “passado funesto” e “parasitismo social”. Ao passo que, a segunda, irá observar os conceitos de fronteira, cultura e identidade para que seja possível afetar a interpretação do projeto identitário de Manoel Bomfim, que é admitido fazendo diálogo com a realidade brasileira e escorre a toda a América Latina.

América Latina: do “passado funesto” ao “parasitismo social”

Manoel Bomfim faz do resgate da memória histórica, do passado colonial, a pedra de toque de sua narrativa sobre a América Latina. Assim, se de fato, o que se quer é vislumbrar o sentido das idéias de identidade, fronteira e cultura, para que se possa compreender o projeto identitário formulado para o Brasil (projeto este que é confirmado na presença do mestiço); que, por sua vez, se estende a toda a América Latina, é necessário que seja tomado como ponto de desembarque o conceito de “parasitismo social”, porque ele é dilatado a todos os confins da narrativa do autor.

Ao expressar este pensamento, qual seja do “passado funesto”, Bomfim o faz valendo-se do uso da linguagem metafórica³, pois ele lança mão da lembrança do ofício médico, no contato com o paciente, no diagnóstico de anomalias, para tocar na ferida exposta aos latinos americanos: os vícios dos hábitos do cotidiano, embaralhados na prática cultural, são fruto de uma educação que foi imposta a estes povos. Por isso, nas palavras do autor,

É por essa razão que o médico, em face de um doente destes, não deixa de reportar-se ao passado; é o estudo, o conhecimento deste passado que o vai instruir definitivamente, e dizer se o indivíduo pode, ou não, curar-se. A cura depende, em grande parte, da importância desse “histórico”, principalmente quando as condições presentes são relativamente favoráveis, e são tais que a elas o indivíduo se poderia adaptar facilmente, se não tivesse contra si uma herança funesta. (BOMFIM, 1905, p. 59) Estudemos as condições sociais e políticas, o caráter e as tradições dos povos que formaram as nacionalidades sul-americanas; estudemos os processos que presidiam à constituição primeira destas sociedades. Acaso estarão aí as origens destes vícios – dos maus hábitos, que hoje tanto pesam sobre estes povos infelizes. Vejamos como se formaram os costumes políticos, reconhecidamente maus, de que somos implacavelmente acusados. (BOMFIM, 1905, p. 60).

³ Este estilo de escrita, eleito pelo autor, é devido às marcas de sua formação profissional, a medicina; e também, devido seu apreço outorgado à literatura. Para breve informação sobre a biografia de Manoel Bomfim consultar: “Civilização brasileira e otimismo revolucionário (ingênuo): Manoel Bomfim e o sonho da República soberana e democrática”. REIS, José Carlos. In.: *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2006.

Ao reportar à história colonial da América Latina, por meio da idéia de “passado funesto”, a intenção é registrar a proximidade da abordagem desta idéia com outro conceito caro para o pensador brasileiro, o uso do termo “parasitismo social”; que atravessou toda a narrativa do livro *A América Latina: males de origem* (1905). Bomfim toma de empréstimo a palavra “parasita”, cunhada na biologia para nomear corpos que subtraem partes das potencialidades de outro animal, para empregá-la em sua leitura da realidade social latino-americana. Ainda na seqüência da descrição da biologia da palavra “parasita”; nesse processo, enquanto alguns órgãos estão direcionados na ação de sorver a vítima, os demais permanecem em desuso. O que proporciona a decadência dos órgãos que não são usados, não somente dos que são usados, bem como da própria vítima que é refém deste círculo, e que, portanto, está condenada a perecer neste processo que é conduzido pelo parasita. O animal marinho é a espécie que protagoniza a figura do parasita, que, por sua vez, se apropria de sua vítima, a parasitada. E o parasita é nomeado, nos termos científicos, de *Chondracanthus gibbosus*. Enquanto o parasitado é nomeado, parafraseando Bomfim, de latino-americano. Por isso, ao inserir seu olhar à realidade a que foi submetido estes povos, realidade que foi emoldurada sobre as duras penas impostas pela ação corrosiva do europeu, o autor ressalta que,

O parasitado sofre, não só pelo excesso de trabalho e deficiência de alimentação, como pela coação direta, que o força a deixar espoliar-se. O parasita, não tendo outra função senão esta – de esgotar a sua vítima, possui normalmente órgãos poderosíssimos para prendê-la e subjugar-la (...). (BOMFIM, 1905, p. 136)

E para descrever o alcance do conceito “parasitismo social”, como sendo catalisador das apreensões do cotidiano destinado ao mestiço (que é composto pelo negro pelo indígena), Bomfim serviu-se desta expressão para por à vista a fragilidade da América Latina. Por isso, Cleiton Neves (2010), em seu estudo dedicado ao pensamento de Manoel Bomfim, nos diz que,

(...) o parasitismo social carrega em si a idéia de exploração de um indivíduo ou sociedade sobre outrem, a ponto de adoecer o parasitado e degenerar o parasita. Este foi um conceito-chave que possibilitou toda a construção interpretativa de Bomfim (...) para a América Latina, materializada em seu projeto identitário e no representante deste projeto – o homem latino-americano. Bomfim, no intuito de defender a América Latina das acusações européias, buscou no referencial teórico da Biologia os elementos necessários para analisar a história e fundamentar sua acusação contra a pretensão neocolonialista da Europa (...). (NEVES, 2010, p. 57).

Para que se tenha dimensão da força que o conceito “parasitismo social”⁴ suscita, por meio da visibilidade das dores que os povos subjulgados, sobretudo os negros e os índios, experimentaram, sem sua aprovação, deixo a palavra a cargo do próprio Manoel Bomfim, que outorgou voz em suas reflexões a esses grupos, por meio de um pertinente questionamento sobre a moralidade do português e do espanhol; e que, por meio desta interrogação da moralidade, almeja relativizar as práticas dos europeus. Por isso,

Que juízo se pode fazer da beleza moral dessas almas, que passavam a existência a cortar de açoitões as carnes de míseros escravos e que aceitavam como legítimo o viver do trabalho destes desgraçados, cuja vida será um martírio contínuo? (BOMFIM, 1905, p. 67 e 68).

O “parasitismo social” transformou-se em uma legítima instituição política latino-americana. Isto por quê? Ora, porque era rentável ao parasita, ao colonizador ibérico, garantir sua perpetuação, sua durabilidade, através da espoliação do parasitado, o negro e o índio; e também, em face da exclusividade da posse exploratória destas gentes, amparada no esforço do poder colonial em preservar este intento. Mais uma vez recorrendo às considerações do autor, ele afirma que,

Todo o pensamento político se resume em conservar as coisas como estão, em manter a presa. Para isto, fecham-se as colônias completamente, absolutamente, ao resto do mundo; toda a sua produção tem de passar pela metrópole, que deve tirar a sua parte. (BOMFIM, 1905, p. 130).

Para que se torne compreensível o pano de fundo o qual está urdida a trama de Manoel Bomfim, é necessária a exibição dos conceitos de identidade, fronteira e cultura, para, em seguida, apresentá-los a serviço da tese e/ou conceitos nucleares do livro *A América Latina: males de origem*, a noção de “parasitismo social” e a idéia de “passado funesto”, para que seja entendido o projeto identitário do autor.

Identidade, fronteira e cultura: do Brasil à América Latina

⁴ O sociólogo mexicano Pablo González Casanova possui um conceito que lembra o de “parasitismo social” de Manoel Bomfim, é a noção de “colonialismo interno”. Por “colonialismo interno” entende-se o que “(...) está originalmente ligado a fenômenos de conquista, em que as populações de nativos não são exterminadas e formam parte, primeiro do Estado colonizador e depois do Estado que adquire uma independência formal, ou que inicia um processo de libertação, de transição para o socialismo, ou de recolonização e regresso ao capitalismo neoliberal.” (CASANOVA, 2007, p. 01 e 02). Essa categoria, formulada pelo sociólogo, é empregada para mensurar os efeitos da colonização na América Latina.

O projeto identitário de Manoel Bomfim perpassa à defesa do mestiço como elemento fundamental à América Latina. Contudo, não será adentrado, neste espaço, aos argumentos que o autor elegeu para advogar na defesa do latino-americano contra as teorias raciais, que julgavam que o nosso continente estava condenado ao fracasso por ele ser levantado pelo amálgama racial, tão pouco, serão apresentadas as críticas feitas por essas aves de rapina. A atenção será retida à peculiaridade deste continente frente, neste caso, ao mestiço; ocupar-nos-emos, então, na prévia apresentação do projeto identitário do autor; para trazer esse passado à superfície, por meio da admissão do mestiço como elemento constituinte.⁵

Por causa do triunfo do “parasitismo social” tem-se uma “nova” configuração da sociedade colonial, que a partir desse instante passa a ser alicerçada por negros, índios e ibéricos. Estes últimos foram deslocados à América Latina para o cumprimento do mesmo desejo europeu que era imputado aos negros e aos índios, o esbulho; que, posteriormente, em detrimento deste regime de cooptação destas gentes, desembocará em um “novo” elemento integrante da ordem social, o mestiço; carimbará a crítica de Bomfim, não contra os mestiços (que representavam o ideal de emancipação da nação, segundo o autor), mas contra o silêncio discursivo deles, que lhes era imposto pela ordem lusitana em vigor.

A fina ironia do pensador – que cobre sua argumentação, atirada aos mentores do “parasitismo social, os ibéricos – anunciará a inserção de um elemento que passa a integrar o colonialismo lusitano, o mestiço ou o americano. Vejamos como Bomfim descreve esta passagem por meio do apontamento da invisibilidade dos construtores da nação, o negro e o índio.

A sociedade colonial compreendia, então, duas classes, perfeitamente distintas – os escravos índios e pretos, e as várias sortes de instrumentos que a metrópole ativara para lá, a fim de apropriar-se do trabalho desses escravos. Só depois é que, entre uma e outra dessas duas classes, se foi formando uma terceira, que se apresentará então como o novo elemento americano. Os únicos que poderiam reclamar, se soubessem, se tivessem o direito de falar, esses, coitados! Não estão em condições de provocar reformas. A colônia é parasitada; mas, mesmo dentro da colônia, o parasitismo se exerce. Em suma, a vítima das vítimas é o escravo, e este é o único que não tem voz, nem para queixar-se!... (BOMFIM, 1905, p. 131).

Bomfim, em muitos aspectos da obra *A América Latina: males de origem*, fala de todo o continente latino-americano, mas, em outros momentos, ele trata estritamente

⁵ Haja vista que este texto é fruto de levantamentos iniciais de uma pesquisa que está em fase de gestação.

dos entraves que obscureceram a consolidação da soberania nacional, e, por este prisma, ao falar de tais problemas, ele está nos remetendo ao Brasil, conforme a lembrança da última passagem citada procurou clarificar. Pois, seu projeto identitário é pensado à América Latina, porém, sua atenção está canalizada no Brasil, muito embora ele exponha dados factuais dos entraves de outras nações, como o Peru e o México, que, semelhante ao Brasil, foram expostas à ação corrosiva do colonialismo europeu; mesmo assim, a figura do mestiço se coloca como elemento constituinte do projeto identitário de Bomfim.

Cleiton Neves diz que a categoria “comunidades de raças” confere autenticidade para o projeto identitário de Bomfim porque: “Na “comunidade de raças” de Bomfim, o elemento mestiço latino-americano exerceu um papel de proeminência, pois representava o que há de mais original e positivo nessa cultura.” (NEVES, 2010, p. 83). Em uma “comunidade de raças” há a integração do mestiço como traço singular de uma nação, quiçá, de um continente (como por exemplo a América Latina), ao invés de suprimi-lo, há, pois, o reconhecimento de sua autenticidade.

Assim, portanto, a reflexão sobre o mestiço, que culminou na formulação de seu projeto identitário, deita suas raízes em um lugar e esse lugar é a fronteira, no termos de Manoel Bomfim é a fronteira brasileira, na América Latina, o solo onde esta trama foi urdida.

O cientista social brasileiro José de Souza Martins, em sua análise dedicada aos conflitos na região amazônica, delineia seu entendimento da história da fronteira, no âmbito da realidade brasileira, ao destacar que: “A história da fronteira (...), no Brasil, é a história das lutas étnicas e sociais. O que há de sociologicamente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social.” (MARTINS, 1997, p. 149 e 150).

Manoel Bomfim observou isso em seu legado, ou seja, fatos que revelam o intercambiamento dos apontamentos feitos por José de Souza Martins, que deságuam na identidade da fronteira brasileira, a “situação de conflito social”. Por “situação de conflito social” entende-se o instante do contato étnico entre o colonizador e o nativo, que é marcada por esforços ininterruptos do colonizador, instrumentado na violência, na supressão do nativo e, assim, garantir a manutenção dos seus intentos econômicos. Reportando às considerações de Bomfim ele deixa claro os benefícios que os lusitanos almejavam auferir no Brasil e a violência empregada, que, por sua vez, caracterizou o “conflito social” na fronteira brasileira.

(...) o português tinha seu pensamento encoberto, elaborado à lei da natureza: para que perder tempo em desatarrachar os brincos das mulheres, quando é tão simples cortar-lhes as orelhas?... Para que regularizar tributos, monopolizar comércio, coisas para amanhã, quando se pode arrasar a cidade e levar logo todo o ouro, de uma vez, para bordo?... Ao saltar no Novo Mundo, o que ele os companheiros vêem são os brincos e anéis dos índios. “Perguntam-lhe onde nasce o ouro, e tomam-nos a bordo para os guiarem a esse país encantado”. (BOMFIM, 1905, p. 101 e 108).

Para contribuir na interpretação desta passagem dos escritos de Manoel Bomfim, e assim, perceber como ela se aproxima do debate em torno da idéia de fronteira, é necessário explorar a contribuição de Edward Said, vejamos como ela se amarra ao texto. Se for verdade que o diferente, o outro, neste caso o indígena, não compõe a tessitura cultural que traz à luz a moldura da nação, então, é também verdade que esse diferente habita um lugar a margem dos rincões fronteiriços comungados pelos membros da nação. E, o agravante desta situação é que esse lugar o qual o diferente habita, dentro do universo da geografia imaginativa administrada pelo “vencedor”, o colonizador (ou o “parasita”), foi imposto ao “vencido” ou ao diferente, o colonizado (ou o “parasitado”), portanto, sem o consentimento deste último. Edward Said, reconhecido autor dos estudos culturais, possui uma reflexão que se afina com essa tese. Tomando de empréstimo as palavras deste autor, é dito que,

Um grupo de pessoas vivendo em alguns acres de terra estabelecerá fronteiras entre a sua terra e seus arredores imediatos e o território mais além, a que dão o nome de “a terra dos bárbaros”. Em outras palavras, essa prática universal de designar mentalmente um lugar familiar, que é “o nosso”, e um espaço não familiar além do “nosso”, que é “o deles”, é um modo de fazer distinções geográficas que *pode*⁶ ser inteiramente arbitrário. Uso a palavra “arbitrário” neste ponto, porque a geografia imaginativa da variedade “nossa terra – terra bárbara” não requer que os bárbaros reconheçam a distinção. Basta que nós tracemos essas fronteiras em nossas mentes; “eles” se tornam “eles” de acordo com as demarcações, e tanto o seu território como a sua mentalidade são designados como diferentes dos “nossos”. (SAID, 2007, p. 91)

Após percorrer as trilhas deixadas por José de Souza Martins, que analisa a fronteira como sendo o lugar de “situação de conflito social”, e também, por Edward Said, que encara a fronteira como sendo o lugar mapeado por um grupo de pessoas, como aquilo que é familiar ao “nosso”, sem que antes fosse consultado os “bárbaros”, pessoas a que foram destinadas a terra “deles”; todas essas duas referências, oriundas de ambos os autores, Martins e Said, contribuem à caracterização da fronteira como lugar que foi conceitualmente e geograficamente demarcado pelo colonizador à revelia do

⁶ Grifos do autor, Edward Said.

nativo e do negro, para o favorecimento dos objetivos empreendidos pelos portugueses, a espoliação material do Brasil.

Doravante, vejamos como a idéia que Bomfim tem de cultura apanha a idéia de fronteira.

Não foi ocultado que o lusitano julgou os nativos como sendo pessoas atrasadas, dadas à violência, pessoas despidas de razão. E nesse ponto o tratamento truculento dado a essas gentes, pelos lusitanos, tornava-se legítimo. Manuel Bomfim dedica muita tinta para descrever que os portugueses e os espanhóis são fruto daquilo que eles rejeitavam e rotulavam os nativos, o aspecto “bárbaro”. A véstia de “barbaridade” é um adereço que cobre muito bem as práticas culturais dos europeus; eles, quando na América Latina chegaram, trataram logo de demolir, em busca de ouro, todo o patrimônio cultural que havia sido pavimentado pelos nativos.

O pior do caso é que, para haver esse ouro, os aventureiros da península destruíram tudo que aqui encontraram. O mais sensível e lastimável é a perda do milhões de indivíduos – homens aptos, dos mais aptos entre os nativos da América; (...). Iniciada assim, essa colonização feroz (...); naturais e adventícios estavam incompatibilizados para constituir uma sociedade com hábitos de trabalho pacífico. A ganância do colono e a voracidade da metrópole eram insaciáveis: “Para as colônias espanholas e portuguesas vinham, via de regra, aventureiros e especuladores gananciosos, sem outro pensamento que não fosse o de enriquecer depressa e sem muito trabalho”. Esgotados os tesouros já feitos, adotaram o processo sumário de escravizar os naturais e enriquecer à custa deles, com o seu labor. Os governos, por sua vez, arranjaram logo a máquina administrativa de modo a sugar a colônia o mais possível. (BOMFIM, 1905, p. 145 e 146).

A inserção do elemento “bárbaro” na ação dos europeus, que deita suas raízes na história deste continente, aliado à institucionalização do “parasitismo social”, pois é disso que Bomfim está falando ao apontar a violência utilizada pelos povos ditos “civilizados” no contato étnico, foi à fórmula utilizada para garantir o sucesso na subordinação dos nativos e do esgarçamento da cultura destes. Isso é o que Bomfim nomeou de “passado funesto”, a “técnica lusitana” de ocultação de suas próprias ações funestas. Ou seja, o que é “funesto”, para Bomfim, são práticas ibéricas de supressão cultural e não as vítimas deste processo, os índios e os negros, portanto, os mestiços.

Para superar esses estigmas deixados na memória histórica pela ação do “parasitismo social”, que despiu as populações nativas de seu lugar no mundo, por meio do exercício da geografia imaginativa da fronteira, como acenou Said, é necessário

acatar a concepção de Manoel Bomfim de cultura, porque ela procura articular o mestiço a um novo ordenamento social que possui como primado,

representar cada indivíduo como sendo o nó vivo, de uma teia igualmente viva e ativa, a sociedade – espécie de trama, urdida em todos os sentidos possíveis, e cuja atividade se manifesta justamente como produtos desses nós. (BOMFIM *apud* Neves, 2010, p. 83)

Isto suscita que ao trazer à luz a alternativa de fuga desse “passado”, o “passado funesto”, isso quer dizer um “passado” que foi fabricado, forjado pelo europeu para escamotear as mazelas de suas ações; reside nessa reflexão à possibilidade dos latinos americanos se verem como articuladores da história, que leva a cabo à cultura, e a cultura que Bomfim pensa é concebida em trânsito constante, ou seja, em constante mudança, que é delineada pelos indivíduos. Cleiton Neves possui uma esclarecedora passagem, sobre a concepção de cultura em Manoel Bomfim, que diz,

Nesta concepção, os latino-americanos são seres responsáveis pela cultura, no sentido de que participam coletivamente de tudo que é inventado individualmente e o reinventam continuamente. Esta concepção só poderia ser desenvolvida em função de uma idéia de cultura não-estática, pelo contrário, sempre dinâmica, que fosse fruto, ainda que inconscientemente, da vontade que, segundo Bomfim, permitiria a inovação.⁷ (NEVES, 2010, p. 83 e 84).

A cultura, sob o prisma do pensador brasileiro, é o alvo que nunca podemos perdê-la de vista, posto que ela habilita a variação dos caminhos percorridos, ou a serem percorridos, pelos indivíduos, membros de uma “comunidade de raças” – como foi dito por Neves (2010) – e isso garante a sua reinvenção totalmente em sintonia com os desejos de seus membros, que buscam arquitetar as diretrizes de tal “comunidade” pela rememoração da narrativa do passado histórico, não sob os cânones da nostalgia, mas sim de buscar na lembrança do passado o contexto de inserção dos agentes, negros e índios, e os sentimentos obscurecidos pela narrativa oficial, bem como a resistência perpetrada por eles, de modo que isso anime a resistência mestiça latino-americana. Esse é o tom maior que sustenta a transmutação da “comunidade de raças”.

Em face do exposto levanta-se uma interrogação: que contribuição as idéias de “passado funesto” e “parasitismo social” ofertam ao projeto identitário que Manoel Bomfim apresenta, calcado na recuperação do mestiço, como vetor que irá conduzir a

⁷ Sobre a vontade Manoel Bomfim nos diz: “a vontade é a essência da atividade e da transformação, como a inércia é a essência da conservação e da resistência.” (BOMFIM *apud* NEVES, 2010, p. 84).

América Latina rumo à superação do malogro que marcou a edificação de tal continente? Cleiton Neves acenou para uma assertiva que vai de encontro com este questionamento.

Na construção da identidade latino-americana mestiça, os sofrimentos e as lutas comuns também forjaram laços de co-pertencimento, de forma que a consciência de pertencer à ibero-américa fundamentou-se na consciência de um passado e um presente comuns, o que lançaria perspectivas semelhantes para o futuro. O sentimento de co-pertencimento pressupõe, por sua vez, a segurança de existência de um mesmo passado comum, composto de dramas e sucessos, vitórias e derrotas compartilhadas. (NEVES, 2010, p. 85).

A tessitura que envolve o projeto de Manoel Bomfim repousa na superação das dores, dos sofrimentos, dos desgostos, que foram dispensados ao mestiço. Por isso, superar o “passado funesto” e o “parasitismo social” é o refrão que alimenta a ação dos interessados, os mestiços, no enfrentamento da transposição desse processo histórico.

Considerações finais

Por último será feita a inclusão de um item, que tratasse mais de uma justificativa conceitual, mas que é, sem dúvida, a ferramenta motriz à compreensão do pensamento de Manoel Bomfim. Ao longo do texto foi selecionada uma palavra para assinalar a ação do mestiço, que foi empregada com o intuito de esboçar a insatisfação dele frente ao “parasitismo social”, a palavra foi *resistência*⁸. Esta palavra além de reforçar o desagrado mestiço diante a truculência que lhe foi dispensada, também teve o intuito de romper com um velho paradigma da historiografia oficial, o argumento de que o mestiço era pacífico frente à violência européia a que era submetido. Por isso, neste momento, é importante recorrer a uma passagem do livro *A América Latina: males de origem*, que Manoel Bomfim faz alusão à resistência mestiça, e, assim, caracterizar outra faceta da cultura política brasileira, a resistência às instituições; neste caso, a “parasitária”. “(...) a revolta contra a autoridade pública é o processo normal de reclamar justiça; não há respeito pela ordem pública; o Estado é odiado, por tradição, ele é o inimigo natural das populações.” (BOMFIM, 1905, p. 232).

Cabe ressaltar, todavia, que esta passagem reafirma o desprezo do mestiço e o seu rebelamento aos intentos degenerativos (solidificados na instituição parasitária, o Estado lusitano) da América Latina, que, por sua vez, acaba construindo a idéia de resistência que Bomfim coloca em seu projeto identitário. Trazer esse tópico à discussão

⁸ Grifo nosso.

se fez necessário para afirmar o comprometimento do autor com o seu país, o Brasil, e, por extensão, o respeito ao continente que o país está localizado, a América Latina.

A recordação do nome de Manoel Bomfim em um evento como este, que reúne pesquisadores da ABA (Associação Brasileira de Antropologia), é tributária ao acato das palavras de Darcy Ribeiro, que, no prefácio do livro de Bomfim, *A América Latina* (...), o encara como sendo fundador da antropologia do Brasil. “Penso que Manoel Bomfim é o fundador da antropologia *do Brasil e dos brasileiros*⁹.” (RIBEIRO, 2005, p. 20).

E esse meu entusiasmo de estudante ao remeter ao legado de Manoel Bomfim é, pois, justificado não só pelas palavras de Darcy Ribeiro, mas também pelas marcas das considerações que Franklin de Oliveira também deixa no prefácio do livro em questão, *A América Latina* (...): “(...) Manoel Bomfim não é um renovador, mas um revolucionário. Um forjador de novas verdades sociais e humanas – de um humanismo incessantemente refeito.” (OLIVEIRA, 2005, p. 30).

A lucidez que envolve a obra de Manoel Bomfim – e este momento será abusivo no uso da linguagem metafórica – devolve-nos o gosto da auto identificação como brasileiros, de direito e de fato; posto que ele, o autor, por meio da voz que ecoa do seu legado, resgata os sentimentos do diferente, do mestiço, que haviam sido silenciados na história. Neste sentido, os escritos de Bomfim podem também serem vistos como “(...) a faculdade de intercambiar experiências.” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Pois, a narrativa de Manoel Bomfim não está interessada – tomando de empréstimo as palavras do filósofo Walter Benjamin – “(...) em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório.” (BENJAMIN, 1994, p. 205). Mas, os escritos de Bomfim tem o lócus direcionado na arte de “(...) mergulhar a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” (BENJAMIN, 1994, p. 205).

⁹ Idem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, Manuel. *Bandeira de bolso: uma antologia poética*. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Tradução de Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 1905.
- CASANOVA, Pablo González. Colonialismo interno (uma redefinição). *En publicacion: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas* Boron, Atilio A.; Amadeo, Javier; Gonzalez, Sabrina. 2007.
- MARTINS, José de Souza. O tempo da fronteira. In.: *Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- NEVES, Cleiton Ricardo das. *Projeto de identidade latino-americana de Manoel Bomfim na obra: A América Latina: males de origem (1905)*. 2010. 99f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, 2010.
- REIS, José Carlos. In.: *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2006.
- RIBEIRO, Darcy. Manoel Bomfim, antropólogo. In.: *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 2005.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.